

A LINGUAGEM COMO PRINCÍPIO HUMANIZADOR DO HOMEM EM ROUSSEAU E BAKHTIN

Adenaide Amorim Lima*

Jasson da Silva Martins**

Resumo: O objetivo deste trabalho é refletir sobre a teoria do surgimento da linguagem, presente nas obras de Rousseau e de Bakhtin. O foco da análise visa ressaltar os elementos que aproximam os autores. Enquanto para Bakhtin é através da linguagem e do dialogismo que o homem se constitui enquanto sujeito e revela seu ser; para Rousseau a linguagem é a expressão das paixões e da necessidade que o homem possui de entender e ser entendido pelo outro. Para Rousseau é a partir da língua que a sociedade teve origem; enquanto que para Bakhtin a língua é o fruto de uma organização social minimamente estabelecida. O elemento comum da reflexão de ambos os autores reside no fato de que a linguagem é um princípio humanizador do homem.

Palavra-chave: Linguagem. Humanização. Rousseau. Bakhtin.

Language As A Humanizing Principle Of Man In Rousseau And Bakhtin

Abstract: This work aims to reflect on the theory of emergence of language as presented in Rousseau's and Bakhtin's works. This analysis focuses on highlighting the elements that are related to both authors. On one hand, Bakhtin points out that man is constituted as subject and reveals his/her being through language. On the other, Rousseau presents language as an expression of passions and the man's need of understanding and being understood by the other. Rousseau argues that society initiated from language. Meanwhile, Bakhtin conceives language as a result of a minimally established social organisation. Nevertheless, both authors agree that language is a humanizing principle of man.

Keywords: Language. Humanisation. Rousseau. Bakhtin.

* Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: adenaideamorim@gmail.com

** Mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor Assistente A do curso de Filosofia, ligado ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: jassonfilos@gmail.com

Introdução

A reflexão sobre a linguagem é o que permite relacionar, em um mesmo texto o pensamento de um filósofo iluminista com o de outro, considerado contemporâneo. A palavra, enquanto instrumento da linguagem, permite juntar ambos os pensadores, à medida que ela atravessa a reflexão sobre a origem e a função da língua e do diálogo. Estes dois filósofos, a princípio distintos em seus modos de pensar, não são, porém, antagônicos. O presente texto pretende mostrar que esta temática é comum a ambos e que muitos pontos de contatos há entre os dois autores.

Não é fácil perceber a influência de Rousseau no pensamento de Bakhtin, principalmente quando se conhece a matriz do pensamento de ambos. É certo, porém, que Bakhtin foi um leitor e estudioso da literatura de Rousseau, como testemunha a sua obra *Problema da Poética em Dostoiévski* (2010). É provável que Bakhtin não teve acesso a obra de Rousseau intitulada *Ensaio sobre a origem das línguas* (2008), ponto de partida da presente discussão, devido a data em que a mesma foi “descoberta”, um ano antes de sua morte, em 1974.

É possível apenas imaginar o que seria o “encontro” de Bakhtin com esta importante obra de Rousseau. O que é possível constatar é que muitas das discussões do filósofo russo, sobre a linguagem, convergem para importantes conceitos desenvolvidos pelo filósofo francês. É certo que Bakhtin, ao contrário de Rousseau, não elabora uma teoria sobre o surgimento da linguagem, mas é possível conjecturar que o pensamento revolucionário de Rousseau já colocava em questão a função da linguagem como lugar de construção do mundo e como expressão da humanidade em conceitos.

Ambos os autores são conhecidos entre nós por ter suas teorias comumente desenvolvidas no campo da ciência política e da educação (Rousseau) e por sua literatura estudada no campo da estética e da crítica literária (Bakhtin). Trata da linguagem a partir das concepções destes dois autores ainda é algo recente entre nós, se comparado a estudos focando outras áreas bastante conhecidas e consolidadas, como as referidas acima. A perspectiva de análise adota por nós é explorar, de início, as perspectivas sobre a linguagem de ambos os pensadores para, em seguida, situar o lugar que cada um ocupa no contexto da linguagem como processo humanizador.

1 O pensamento de Rousseau e Bakhtin: equívocos e perspectivas

Conforme esclarecimento contido no próprio prefácio da tradução brasileira, da obra póstuma de Rousseau, *Ensaio sobre a origem das línguas* (2008), escrito por Bento Prado Jr. (2008), essa obra foi descoberta há muito pouco tempo, cerca de quarenta anos, ficando “à sombra” por cerca de duzentos anos, ao contrário de outras obras do autor que são amplamente conhecidas.

Apropriada, inicialmente, pelos estruturalistas e pelos autores da chamada “Filosofia da Diferença”, o estudo do *Ensaio* de Rousseau ganhou um enfoque limitado. No referido prefácio, Bento Prado Jr. (2008) não faz distinção deste *Ensaio* com outras obras de Rousseau e o analisa sob uma perspectiva psicanalítica, ora o Rousseau sujeito, ora o Rousseau escritor. Quando trata exclusivamente deste *Ensaio*, admite a inovação no pensamento de Rousseau, e admite que “a reflexão de Rousseau faz tremer os princípios da linguística clássica em todos os seus níveis” (PRADO JR., 2008, p. 77). O referido autor, por outro lado, o limita o texto ao enquadrá-lo e analisa-lo apenas na perspectiva linguística tradicional.

Ao compreendermos todo o percurso traçado pelo filósofo iluminista, falar de uma “linguística de Rousseau” é limitar seu pensamento e restringir toda a amplitude da sua concepção de linguagem. Isso porque para a linguística tradicional, a língua, em sua essência “necessita apenas do falante – de um falante – e do objeto de sua fala, se neste caso a língua pode servir ainda como meio de comunicação” (BAKHTIN, 2011, p. 270), seria uma função secundária que não afetaria em nada sua essência e a relação dialógica, neste caso reduziria o mundo individual do falante e sua criação espiritual. O que não é isso que encontramos no *Ensaio* de Rousseau.

Pensar a linguagem para além da linguística é entender a linguagem como estrutura dinâmica e socialmente estabelecida através das relações. Pois, conforme Bakhtin (2010, p. 209): “A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem [...] Toda a vida da linguagem está impregnada de relações dialógicas”. As relações dialógicas, por seu turno, são compreendidas pelo autor em consonância com a linguagem: “[...] um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância” (BAKHTIN, 2010, p. 47).

Nesse sentido, a linguística clássica não abarca dessa dinâmica social que está presente tanto no pensamento de Rousseau quanto no pensamento de Bakhtin.

Rousseau não escapou de ter seu pensamento enquadrado, equivocadamente, no campo da linguística tradicional. Apesar de considerarem que através do seu pensamento é “[...] a própria raiz dessa linguística que é abalada e entra em crise” (PRADO JR., 2008, p. 10). Além disso, o que acontece com o pensamento de Rousseau sobre a linguagem é semelhante ao que aconteceu com o pensamento de Bakhtin sobre o mesmo tema no início de sua “descoberta” e propagação. Os equívocos de classificação do seu pensamento no campo da linguística e o emprego deslocado de seus conceitos e, coincidentemente, assim como Rousseau, Bakhtin também teve sua obra analisada em uma perspectiva psicanalítica, mesmo dela se distinguindo, quando enfatiza em seu pensamento a questão da consciência, “ignorando” os complexos do inconsciente.

No início da circulação de algumas das principais obras de Bakhtin, traduzidas do russo para o francês, houve muitos mal-entendidos que comprometeram o verdadeiro entendimento do pensamento bakhtiniano. Como por exemplo, a classificação do pensamento de Bakhtin no campo da linguística e seu enquadramento como um estruturalista, além da tentativa de fundir Bakhtin com Saussure. Esta é uma explicação para a disseminação de uma leitura reducionista do pensamento de Bakhtin, segundo Paulo Bezerra (2010, p. XIII):

Acontece, porém, que Bakhtin é contra o estruturalismo por considerar que seu método de análise, é centrado nas “categorias mecanicistas de ‘oposição’ e alternância de códigos” [...]. No estruturalismo, existe apenas um sujeito: o próprio pesquisador. As coisas se transformam em conceitos... o sujeito nunca pode tornar-se conceito (ele mesmo fala e responde).

Se no estruturalismo é impossível uma relação dialógica entre os sujeitos, este é o cerne da análise de Bakhtin e a essência do desenvolvimento de sua filosofia. No autor russo é impossível relacionar o dialogismo de seu pensamento com as bases clássicas da linguística, nem mesmo com a inovadora díade de Saussure falante-ouvinte.

Podemos perceber que, assim como o pensamento de Bakhtin sofreu interpretações equivocadas, ou mesmo inadequadas no início de sua expansão para além da Rússia, o mesmo aconteceu com o *Ensaio sobre a linguagem* de Rousseau. Notamos isso, principalmente, no uso de alguns termos como, por exemplo, “linguística de Rousseau” para se referirem ao seu pensamento sobre a linguagem. Pois conforme o próprio Rousseau “sua relação com a

linguagem é, qualitativamente, diferente daquela que o “mundo” conhece” (*Apud*, PRADO JR., 2008, p. 65). Tentar enquadrá-lo em um campo reduzido é limitar a alcance e a inovação do seu pensamento.

2 A linguagem como um desejo dialógico

Um dos principais pontos de convergência entre o pensamento de Rousseau e de Bakhtin é a necessária relação estabelecida entre o ‘eu’ e o *outro* por meio da linguagem. Para Rousseau a linguagem surge devido à relação entre o ‘eu’ e o *outro*, para Bakhtin (2010) o Ser do homem, ou seja, sua essência só se revela através relação entre o ‘eu’ e o ‘outro’ por meio da linguagem. Há nestas duas perspectivas percursos distintos, porém, com muitos pontos convertentes próximos um do outros.

Rousseau em seu *Ensaio sobre a origem das línguas* descreve uma teoria não somente da história da linguagem, mas também sobre a principal razão para o desenvolvimento da mesma. Para Rousseau, a linguagem não surgiu a partir das necessidades mais físicas do homem, como uma espécie de instrumento “a mais” para a sua sobrevivência. Ao contrário, foi justamente as necessidades que fizeram com que os homens se dispersassem para várias outras localidades do planeta. O autor acredita que esse movimento pode ter contribuído para, além de povoar outras localidades, o surgimento de diversas línguas diferentes. Segundo ele: “A Terra alimenta os homens; porém, quando as primeiras necessidades os tiverem dispersado, outras necessidades os reúnem, e é somente então que falam e que fazem com que falem entre si” (ROUSSEAU, 2008, p. 132).

O pressuposto do raciocínio de Rousseau é que o homem poderia muito bem ter sobrevivido e desenvolvido um modelo de sociedade semelhante a nossa sem precisar da linguagem: “Os frutos não fogem de nossas mãos, deles é possível alimentar-se sem falar; persegue-se em silêncio a presa que se quer comer” (ROUSSEAU, 2008, p. 104). Mesmo a dimensão política da sociedade poderia ser desenvolvida:

Teríamos podido estabelecer sociedades pouco diferentes do que são hoje ou até mesmo teríamos alcançado melhor seus objetivos. Teríamos podido instituir leis, escolher chefes, inventar artes, estabelecer o comércio e, numa palavra, fazer quase tantas coisas quantas fazemos com a ajuda da palavra (ROUSSEAU, 2008, p. 101).

Todas estas considerações conduzem ao ponto central de sua tese: a linguagem foi desenvolvida quando o homem começou a sentir. A voz é o veículo de transmissão dos sentimentos, reveladora do homem, uma que: “a voz anuncia um ser sensível” (ROUSSEAU, 2008, p. 162). Quando o homem sentiu a necessidade e o desejo de revelar-se, de ser compreendido e de agir sobre o outro, criou assim uma linguagem que fosse passível de ser entendida e compartilhada e a palavra certamente foi a ponte mais eficiente de conseguir tamanha façanha. Rousseau assim define “o bom uso da língua como ação indireta de uma alma sobre a outra, através dos movimentos dos sentimentos e das paixões” (*Apud*, PRADO JR., 2008, p. 79). Este sentimento de humanidade que nasce junto com a linguagem é um ponto de convergência entre Rousseau e Bakhtin:

A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para o outro, de um grupo social para o outro, de uma geração para a outra. Nesse processo ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou (BAKHTIN, 2010, p. 323).

Segundo Rousseau, mesmo que o homem não fosse dotado dos órgãos com os quais usam para se comunicar, mesmo assim, somente com o agir e o sentir o homem teria conseguido desenvolver sua linguagem e conseguido expressar seus pensamentos e sentimentos. Nessa perspectiva, compreendemos então que a linguagem não é somente produto de uma racionalidade humana, pelo contrário, ela é fruto dos desejos, das paixões, dos sentimentos, bem como experiência de sentir-se no lugar do outro, fruto daquilo que habita na essência humana e se constitui enquanto singularidade, como afirmar o tradutor em de Bakhtin, na Apresentação do livro:

[...] o universo humano é constituído de seres cuja característica mais marcante é a diversidade de personalidades, pontos de vista, posições ideológicas, religiosas, antirreligiosas [...] enfim, sabe que o ser humano é esse amálgama de vicissitudes que o tornam irreduzível a definições exatas (BEZERRA, 2010, p. XI).

Isso significa que, de acordo Prado Jr. (2008, p. 78): “a linguagem pode ser considerada expressão de uma forma de sociabilidade, é também verdade que todas as formas de sociabilidade podem ser descritas como a versão material das diferentes formas da linguagem”. Portanto, a linguagem pode ter um papel, socialmente, produtivo, uma vez que é

a partir da linguagem, de acordo Rousseau, que o homem começa a se relacionar, se agregar com outras pessoas e desenvolver uma estrutura social.

Apesar do homem ser um ser pensante e capaz de raciocinar e de poder formar uma sociedade sem ter desenvolvido a língua, ele não havia desenvolvido sua capacidade de refletir. O homem não era reflexivo. Somente a partir do seu encontro com o outro isso foi possível. A origem da língua teve início a partir da aceitação do outro como seu semelhante, como necessidade social de comunicação através das consciências. Nesse sentido, o homem que não reflete não existe, como afirma Rousseau (2008, p. 126):

Aquele que nunca refletiu não pode ser nem clemente, nem justo, nem compassivo; também não pode ser mau e vingativo. Aquele que nada imagina sente apenas a si mesmo, está só em meio ao gênero humano [...]. Quem vê apenas um objeto não possui ponto de comparação [...] o habito de os ver lhe retira a atenção necessária para os examinar; porém, à medida que um objeto novo nos impressiona, queremos conhecê-lo; e procuramos suas relações.

Esse movimento em que “a linguagem e realidade está subordinada à trama da intersubjetividade” (PRADO JR., 2008, p. 79), da alteridade da comunicação entre as consciências e constitui também o sujeito singular, está fortemente presente na filosofia de Bakhtin. Também está em Bakhtin essa perspectiva rousseauriana de “inverter o sistema conceitual da linguagem clássica” (PRADO JR., 2008, p. 79) fazendo da linguagem quase o “avesso” da linguística, tornando-a real plena, na atividade responsiva.

Porém, ao contrário de Rousseau, Bakhtin não comunga da ideia de que a sociedade teria se desenvolvido por meio da língua. Para ele “não basta colocar dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados [...] só assim um sistema de signos pode constituir-se” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 35).

Apesar de atribuir o surgimento das línguas às paixões, isso não significa que as mesmas paixões foram sentidas pelo homem em todas as localidades habitadas da Terra. Em seu *Ensaio* Rousseau faz uma diferenciação das paixões que podem ter contribuído com a formação tanto das línguas meridionais como das línguas do norte. Cada localidade, cada geografia deu origem à língua diferenciada, porém com características semelhantes, em função das paixões despertadas nestas localidades.

3 Origem das línguas meridionais e do norte, na perspectiva de Rousseau

Antes de prosseguirmos com a discussão sobre as diferenciações e o surgimento das diferentes línguas, é importante esclarecer que, em Rousseau quando falamos em sentimentos despertados pela presença do *outro*, da alteridade com esse *outro*, não queremos dizer com isso que o homem vivia isolado. Eles viviam com suas famílias e se “casavam” e constituíam outras famílias entre si, porém sem nenhum sentimento nem desejo especial até então, viviam subjugados pelas leis da natureza, “como língua apenas o gesto e alguns sons inarticulados” (ROUSSEAU, 2008, p. 125). Antes do surgimento da linguagem a relação com os *outros* que não pertenciam a sua família, naturalmente estabelecida, e que não

[...] estavam ligados por nenhuma ideia de fraternidade comum; e não tendo nenhuma autoridade além da força, julgavam-se inimigos uns dos outros. Eram sua fraqueza e sua ignorância que lhes davam essa opinião [...]. Um homem abandonado sozinho na face da Terra, à mercê do gênero humano, devia ser um animal feroz (ROUSSEAU, 2008, p. 125).

Essa “ferocidade humana” em decorrência de seu isolamento nos remete à crítica bakhtiniana sobre a ideologia capitalista na medida em que prega o individualismo extremo e tende a isolar o homem cada vez mais, tornando-o competitivo e inimigo de seus semelhantes. Na perspectiva de Rousseau, a geografia, o clima, os intempéries da natureza, de um modo geral, muito contribui para a formação diferenciada das línguas tanto nos meridionais como no norte. Nessa perspectiva, os homens que viviam nas regiões meridionais tiveram mais sorte do que aqueles que viviam no norte cuja situação climática os obrigava a serem mais duros e a desenvolverem voz mais forte e paixões menos prazerosas.

A hipótese é de que, provavelmente foram nas regiões meridionais onde, surgiram as primeiras línguas e as primeiras uniões entre os sexos de diferentes famílias, relação entre os jovens e outras pessoas semelhantes a si, tiveram sentimentos e desejos agradáveis de aproximação e desejo de compreender e ser compreendidos pelo outro, conforme a narração romantizada de Rousseau:

O coração emocionou-se diante dessas novas pessoas, uma atração desconhecida tornou-o menos selvagem, ele sentiu o prazer de não estar só [...]. Nessa época feliz em que nada marcavam as horas, nada obrigava a contá-las: o tempo não possuía outra medida além do divertimento e do tédio. Sob velhos carvalhos, vencedores dos anos, uma ardente juventude esquecia gradativamente sua ferocidade: pouco a pouco todos familiarizaram mutuamente; esforçando-se para se fazer compreender, aprenderam a si manifestar-se [...] a voz acompanhava-o com acentos apaixonados (ROUSSEAU, 2008, p. 137).

Dos filósofos modernos, Rousseau é o mais “romântico”. Não estranha, portanto, que ele atribua às paixões mais doces a responsabilidade de desenvolver nos homens que vivia nas regiões meridionais a linguagem e a formação das línguas e, conseqüentemente, a ampliação do seu ciclo de relacionamento. Antes disso “havia famílias; mas não havia nações; havia línguas domésticas mas absolutamente não havia línguas de todo um povo; havia casamentos mas não havia amor [...] o instinto substituíu a paixão, o hábito substituíu a preferência” (ROUSSEAU, 2008, p. 138).

A teoria sobre o surgimento da formação das línguas no norte se deu de forma bastante diferenciada da região meridional. Por conta das duras condições climáticas, da fome e de outras intempéries, viver não era condição natural para qualquer um. Somente os homens robustos e corpulentos sobreviviam nestas condições. O resultado, segundo Rousseau, foi o surgimento de vozes nada delicadas, mas ásperas, fortes e estridentes. Esses homens de atitudes mais duras desenvolveram uma linguagem também mais dura e demonstrações mais frias de seus sentimentos e seus afetos. Mas ainda que fosse esta a origem da linguagem dos setentrionais, ela também é fruto das paixões, como descreve Rousseau (2008, p. 141):

Nessas horríveis regiões [...] em que a fonte da vida parece residir mais nos braços que nos corações [...]. A ociosidade que alimenta as paixões foi substituída pelo trabalho que as reprime: antes de pensar em viver feliz, era preciso pensar em viver [...] o contínuo perigo de morte não permitia que os homens se limitassem a linguagem dos gestos e a primeira palavra entre eles não foi amai-me mais sim ajuda-me [...]. De fato, os homens setentrionais não são insetos de paixões, porém elas são de outra espécie. Nasce daí esse temperamento irascível tão pronto a encolerizar-se contra tudo o que os fere: suas vozes mais naturais são as da cólera e das ameaças.

Com o passar do tempo, com o desenvolvimento das línguas todos tornaram-se semelhantes. A ordem dessa evolução, como foi afirmado, aconteceu de forma diferenciada em cada localidade. “Nas regiões meridionais, em que a natureza é pródiga, as necessidades nascem das paixões; nas regiões frias, onde ela é avara, as paixões nascem das necessidades, e

as línguas, tristes da mesma necessidade, ressentem-se de suas duras origens” (ROUSSEAU, 2008, p. 139). Porém, o que tem em comum nos termos *ama-me* e *ajuda-me* é sempre a necessidade de um *outro*, onde o *eu* somente não basta mas conforme Bakhtin/Volochínov (2009), o eu e o outro não são uma oposição, são complementares para uma vivência.

4 Normatização da língua e a edificação da escrita: aspectos ideológicos

Bakhtin, como dissemos, não elaborou nenhuma teoria sobre o desenvolvimento da linguagem, porém defendeu a sua historicidade e evolução. O autor concebe dois momentos distintos do pensamento que propiciou o aprimoramento dos signos: no primeiro momento, um pensamento menos elaborado e mais concreto e em outro, o desenvolvimento mais complexo de um pensamento mais abstrato. “Historicamente a linguagem desenvolve-se a serviço do pensamento participante e do ato, e somente nos tempos recentes de sua história começou a servir ao pensamento abstrato” (BAKHTIN *apud* PONZIO, 2010, p. 13). Porém, tanto Bakhtin quanto Rousseau compartilham da ideia de que a linguagem parte de um movimento simples para um nível mais complexo estruturado, assumindo um caráter objetivamente mais racionalizado e genérico.

Para Rousseau, a linguagem passou basicamente por três estágios acompanhados do desenvolvimento humano: “A pintura dos objetos convém aos povos selvagens; os sinais das palavras e das proposições, aos povos bárbaros; o alfabeto, aos povos civilizados” (ROUSSEAU, 2008, p. 112). Hoje podemos considerar a linguagem uma junção dessas três etapas, porém com novas agregações, se levarmos em consideração as novas tecnologias da comunicação.

Ao contrário de Rousseau, Bakhtin/Volochínov compreende que o antes da organização social o “homem pré-histórico usava uma mesma e única palavra para designar manifestações muito diversas, que, do nosso ponto de vista, não apresentavam nenhum elo entre si. Além disso, uma mesma e única palavra podia designar conceitos diametralmente diferentes” (Bakhtin/Volochínov, 2009, p. 135).

Em Bakhtin encontramos uma evolução dos sentidos anterior à evolução da linguagem. Uma vez que para Rousseau, com o passar do tempo, o aperfeiçoamento e a normatização torna a língua convenção ao mesmo tempo em que propicia a expansão da sociedade e sua organização, pois:

A medida que crescem as necessidades, que os negócios se complicam, que as luzes se estendem, a linguagem muda de caráter, torna-se mais apropriada e menos apaixonada, substitui as ideias aos sentimentos, não fala mais ao coração mas à razão (ROUSSEAU, 2008, p. 111).

Com o passar do tempo desaparecem os acentos sedutores e apaixonados das palavras, “a língua torna-se mais exata, mais clara, porém mais arrastada” (ROUSSEAU, 2008, p. 111). Este processo de valorização institucional da língua em sua forma escrita, em detrimento da forma falada, é justamente o momento propício para o surgimento da língua, juntamente com seu aspecto ideológico, segundo Bakhtin/Volochínov (2009, p. 25), pois, a “língua é uma criação da sociedade, oriunda da interlocução entre povos provocada por imperativos econômicos; constitui um subproduto da comunicação social, que implica sempre populações numerosas”.

O assomo da escrita demarca, definitivamente, não somente a racionalização da língua como também inaugura uma nova axiologia. Com a institucionalização social tudo e todos passam a se submeter a palavra escrita, da qual, as leis, é apenas um bom exemplo disso. A escrita, por muito tempo, também se constituiu em uma sólida fronteira entre classes sociais. Mesmo nos tempos atuais ainda é um código nem sempre acessível a todos. Em países como o nosso esta fronteira ainda permanece ativa e bem sólida como há séculos atrás¹.

É sabido que neste deslocamento valorativo da língua falada para a língua escrita, muita coisa do ato de comunicação é ceifado para melhor adequá-la as novas condições e, junto com ela, questões significativas da essência humana. Rousseau considerando os incalculáveis ganhos para a humanidade com o advento da escrita e acredita que a língua falada quando passa a ser escrita perde sua vivacidade mais rápido devido a dinamicidade da oralidade. Perde muito do seu sentido, pois “o sentido não é inteiramente dado pela estrutura na qual se manifesta” (PRADO JR., 2008, p. 71). No sentido, levam-se em conta as acepções através dos tons, conforme lhe desejar, a realidade sócio-histórica em que a fala foi produzida e o indivíduo autor. Quando se escreve tem-se a obrigação de ser claro e escolher acepções mais genéricas, “quanto mais a separação permitir a individualização mais se deve aperfeiçoar a comunicação” (CYRUINIK, 1997, p. 32).

¹Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o índice de analfabetismo no Brasil de pessoas de 15 anos ou mais de idade em 2012 era de 13,2 milhões de analfabetos no país. Fonte: <http://www.ibge.gov.br>.

Rousseau (2008) observa ainda que quando “uma língua é mais clara por sua ortografia do que por sua pronúncia, é um sinal de que ela é mais escrita do que falada” (ROUSSEAU, 2008, p. 122). Quanto “mais uma nação lê e se instrui mais seus dialetos desaparecem; e finalmente ‘permanecem apenas na forma de uma gíria, entre o povo que lê pouco e que não escreve’” (ROUSSEAU, 2008, p. 118).

Outrora, como testemunham a retórica grega e a eloquência romana, a persuasão possuía uma força capaz de mudar os rumos da história de um povo. Com o passar do tempo, a linguagem assumiu um caráter mais controlado, com normas cada vez mais complexas e, por isso mesmo, assumiu um caráter de barreira cultural, eliminado de certa forma “os progressos do espírito humano” (ROUSSEAU, 2008, p. 172). Agora “cada sentido tem seu próprio campo que lhe é próprio” (ROUSSEAU, 2008, p. 122). Em um contexto muito civilizado, as línguas populares tendem ao esquecimento ou possuem pouco valor.

A língua, que em um primeiro momento surgiu como um elemento agregador, libertador e sinônimo de coletividade, com seu desenvolvimento, assumiu nova característica e estabeleceu novas relações entre as pessoas. O hábito da leitura mudou muito com o passar do tempo, como constata Rousseau (2008, p. 176): “Heródoto lia sua história aos povos da Grécia reunidos ao ar livre e tudo ressoava com os aplausos. Hoje, o acadêmico que lê uma memória, num dia de assembleia pública, mal é ouvido no fundo da sala”.

À língua não cabe mais a função de agregar as pessoas, pelo contrário, agora ela estabelece fronteiras e atribui identidade às coisas. A linguagem não mais distingue os homens dos animais, mas sim os homens entre si próprios. O homem que, por meio da linguagem, revelava sua história, sua origem, seu grupo social e a si próprio, agora é rotulado de acordo características rasas.

Rousseau, ao longo de seu *Ensaio*, ambiciona compreender a relação da linguagem com a sociedade, enfatizando a interação entre os homens. Ele defende que o ser humano conquistou e desenvolveu a linguagem, a fim de unir-se mais aos outros homens. No entanto, paradoxalmente, a gramaticalização e a racionalização da linguagem terminaram contribuindo para o afastamento dos homens, gerando conflitos constantes entre eles (MOURA; MARQUES, 2011, p. 13).

Na genealogia rousseuniana sobre a origem das línguas, a palavra figurada surge antes da palavra propriamente dita. Isso ocorre porque, segundo Rousseau, “quando a paixão nos fascina os olhos [...] a primeira ideia que ela nos oferece não é a verdadeira” (ROUSSEAU, 2008, p. 106). O que Rousseau parece ter “percebido” de antemão está

próximo daquilo que Bakhtin (2009) defende, ou seja, o fato de que, desde o início, a palavra surge como um signo ideológico. Ideologia, neste contexto, não possui caráter negativo, como afirma Fiorin (2005, p. 28): “A esse conjunto de ideias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens”.

Com o desenvolvimento do capitalismo moderno, há uma mudança da estrutura social que afeta linguagem. A linguagem passa a “servir ao pensamento abstrato” possuindo um alto grau de generalização e um novo tipo de ideologia se instala. A inversão da realidade é a “falsa consciência”, uma forma fenomênica da realidade, que oculta as relações e a essência mais profunda da ordem social e se expressa de um modo invertido, como consta Bakhtin:.

[...] imprensa, a literatura, a ciência [...], essas novas correntes da ideologia do cotidiano, por mais revolucionárias que sejam, submetem-se à influência sistemas ideológicos estabelecidos, e assimilam [...] as formas, as práticas e abordagens ideológicas neles acumulados (BAKHTIN, 2009, p. 125).

Bakhtin, na esteira da filosofia marxiana, não concebe a consciência fora da ideologia, uma vez que a linguagem dissemina um conjunto de valores, normas, crenças, comportamentos, assumindo assim um caráter prescritivo de práticas e discursos hegemônicos considerados “naturais”. Materializados nas representações positivas e negativas, determinados discursos podem ser considerados válidos e dignos de serem ouvidos e quais devem ser ignorados e até mesmo silenciados.

Rousseau, em seu *Ensaio*, antecipa as consequências nefastas da separação entre bem falar e bem escrever: “Ora, digo que toda língua com a qual não podemos ser entendidos pelo povo reunido é uma língua servil; é impossível que o povo se mantenha livre e que fale essa língua” (ROUSSEAU, 2008, p. 176). Vemos nesse sentido uma “utopia da gramática [...], uma concepção da linguagem que ignora todo *lugar*, geográfico ou histórico, norte e sul, antiguidade e modernidade, em sua vontade de universalidade” (PRADO JR., 2008, p. 78) comprometendo assim, o encontro, o conflito, o confronto constitutivo das relações humanas.

Apesar do perigo da massificação, a linguagem continua sendo, para Bakhtin o que torna o homem dialogicamente vivo e socialmente participante, uma vez que ele concebe o homem como ser de diálogo e o diálogo como o mínimo denominador comum que garante a existência humana:

Ser significa comunicar-se pelo diálogo. Quando termina o diálogo, tudo termina. Daí o diálogo, em essência, não poder nem dever terminar [...]. Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina e nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida, o mínimo de existência (BAKHTIN, 2010, p. 293).

Para esse mesmo autor, um homem que não dialoga, não convive, não é visto, não é ouvido e nem sentido, *não é*, é um homem morto. É por isso que Bakhtin pode ser considerado um crítico da ideologia capitalista e de teorias que pregam uma subjetividade absoluta do indivíduo, que tende cada vez mais a isolá-lo. Para Bakhtin o Ser do homem, sua essência, sua vida como um todo é, por natureza, dialógica; a sua liberdade está na sua inconclusibilidade.

Morte absoluta (o não ser) é o inaudível, a irreconhecibilidade, o imemorable [...]. Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha *o outro nos olhos com os olhos do outro* (BAKHTIN, 2010, p. 323, grifos do autor).

Este caráter central da linguagem é um ponto de convergência entre o pensador russo e o pensador francês. O homem sem linguagem, para Rousseau, não possui uma relação dialógica e pode ser subjugado à condição trágica do isolamento ou condenado à barbárie:

A reflexão nasce da comparação das ideias e é a pluralidade das ideias que as leva a ser comparadas [...]. Aplicai tais ideias aos primeiros homens, vereis a razão de sua barbárie. Tendo sempre visto apenas o que os rodeava, nem mesmo isso conheciam; não se conheciam a si mesmos [...]. Nasce daí as contradições aparentes que se veem entre as primitivas gerações; tanta naturalidade e tanta desumanidade; costumes tão ferozes e corações tão ternos; tanto amor por sua família e aversão por sua espécie (ROUSSEAU, 2008, p. 126-127).

Para Rousseau e Bakhtin, barbárie e morte possui aqui o mesmo sentido. São mecanismos que anulam a humanidade do homem, ao retirar o seu Ser e reconhecê-lo apenas como animal, exceto pela capacidade de pensar e raciocinar além de modificar o mundo com o seu trabalho. A linguagem é o princípio humanizador do homem.

Conclusão

Ao estudarmos o *Ensaio sobre a origem das línguas* de Rousseau, acompanhamos como ele desenvolveu a sua teoria da formação e do desenvolvimento social do homem, a partir da evolução de sua linguagem. Percebemos que as três fases do homem (selvagem,

bárbaro e civilizado) também correspondem aos três momentos do desenvolvimento da linguagem. Se tirarmos as consequências da teoria de Rousseau, no contexto da atual sociedade, em que o homem é subjugado pelo sistema capitalista, a função da linguagem hoje em vez de socializá-lo, acabado por torna-lo selvagem.

Houve o desenvolvimento social como um todo, da racionalidade humana, porém a linguagem não possui mais a mesma função que lhe deu origem, na perspectiva rousseauiana, a de agregar os homens. Seguindo o caminho contrário, o homem tem se isolado cada vez mais a medida que lê e escreve melhor, com mais eficiência, por outro lado, a sua comunicação e o seu relacionamento com os outros não tem aumentado de intensidade. Anterior à linguagem, o homem é relação, como afirma Bakhtin, pois se ele não se relacionar não refletir, não sentir, não agir, ele fica só, ou seja, ele volta a sua condição de selvageria.

Para ambos os autores, em sendo a linguagem um processo e não um produto, ela revela ao homem a sua essência: ele é um ser inacabado e em constante mudança. Este pressuposto garante, ao menos potencialmente, a possibilidade de que ao mudar a infraestrutura da linguagem, homem seja capaz de mudar a sua superestrutura ideológica, bem como o grau de humanização que as relações permitem que sejam criadas.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (Volochnikov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BEZERRA, Paulo. Prefácio: uma obra a prova do tempo. In: BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. V-XXII.

CYRULNIK, Boris. **Do sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo**. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2005.

MOURA, Heronildes; MARQUES, Tayse Feliciano. A linguagem como produto da história: as teorias de Vico e Rousseau. **Working Papers em Linguística**, v. 12, n. 2, jul. dez., 2011, p. 01-14.

PONZIO, Augusto. A concepção do ato como dar um passo. In: BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2 ed. São Carlos: Pedro e João, 2010, p. 9-38.

PRADO JR. Bento. Apresentação. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 2008, p. 7-73.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 2008.

Recebido em: jan. 2017

Aceito em: jun. 2017